

# O caminho do meio é uma corda esticada entre dois arco-íris

James Low

31 de outubro de 2023

*Tradução de Madalena Pedroza*

De novo e de novo, temos de nos desintoxicar da falsa crença de que existem pessoas reais lutando umas contra as outras. Nossa vida continua dependendo da harmonia entre fatores internos e externos. Uma bala entrando no corpo é um fator desarmônico que afeta fortemente nosso sistema de vida interativo e interdependente. Com base no fato de a bala ter fraturado um osso, sentimos dor e precisamos de tratamento, mas provavelmente sobrevivemos. Se ela entrar em nosso coração, provavelmente morreremos. Vida e morte não são outra coisa senão padrões surgindo de maneira dependente. Realizar isso é perceber a vasta interconectividade sistêmica da qual fazemos parte.

Nossas seis consciências, nossos seis órgãos de consciência e nossos seis objetos de consciência são todos interdependentes e se influenciam mutuamente. Quando examinamos nosso corpo, voz e mente, não encontramos uma única entidade realmente auto existente. Imagens, sons, pensamentos, sentimentos, memórias e planos surgem e passam. Não temos uma essência autônoma fixa e estável e não temos uma existência real separada. Se isto for realmente visto, momento a momento, a profunda estupidez da guerra se tornará evidente. Uma pessoa não está matando outra pessoa, porque não existe "alguéns" com

uma existência inerente. Ao longo da vida nos identificamos com muitos padrões de manifestação. Somos alguns-muitos, e não um eu singular. Quando morremos, nem-"um" morre. Um fluxo do devir cessa, simplesmente. Se nos tornamos identificados com esse fluxo como indicador da riqueza da nossa experiência, o nosso fim é então facilmente interpretado como o fim de tudo o que somos. Assim, a morte parece ser o fim.

Entretanto, tudo o que surge, tudo com o que nos identificamos e tudo com o que evitamos nos identificar - tudo isso é experiência transitória ilusória que surge no céu aberto e vazio iluminado pela lucidez intrínseca, semelhante ao sol. Nossa prática de dharma é o meio de despertarmos para nossa lucidez imortal e não nascida e, assim, abandonarmos a dependência excessiva que temos na consciência dualista. Nossos próprios apegos fazem com que isso seja difícil de ver, pois acreditamos que as pessoas são reais e, portanto, que sua morte é real. Este 'fato' é uma fonte de alegria se acontece com nossos inimigos e de tristeza se ocorrer com os amigos. Portanto, devemos analisar nossas suposições e ver sua falsidade. Nossas suposições sobre as experiências que temos são baseadas na oposição binária inerente às ideias ou identidades. Se dissermos "isto é quente", então, implicitamente, também estamos dizendo "isto não é frio". O quente e o frio nascem juntos como identificações mutuamente exclusivas. Se examinarmos nossa experiência, veremos que ela está imbuída do sabor da polaridade. Esta suposição básica é uma ilusão dualista que permeia todo o samsara.

Nosso estudo e prática nos incentivam a não cair sob o poder das categorias simplificadoras baseadas em polaridades. Todas as muitas escolas e estilos do Buda Dharma se concentram direta ou indiretamente em nos libertar da nossa dependência nas polaridades como meio de organizar nossa experiência e dar sentido ao mundo para nós. Por exemplo: a visão humana geral, a primeira a seguir, é predominante em todas as culturas e a sua ampla aceitação torna difícil desafiá-la sem a clareza proporcionada pelo dharma. Embora a impermanência esteja manifesta em todos os lugares, tendemos a acreditar e confiar nas nossas opiniões e nas aparências familiares que encontramos em nossa vida

diária. Em seguida, do número 2 ao 5, quatro pontos de vista resumidos revelam a falsidade das polaridades conflitantes apresentadas logo abaixo de seus títulos.

1.

### **Visão humana geral:**

Pessoas lutam contra pessoas

Embora não existam pessoas inerentemente separadas e existentes, elas brigam entre si porque acreditam na existência real de um eu e de outros.

2.

### **Visão geral do budismo:**

Padrões dos cinco skandhas lutam contra padrões dos cinco skandhas

Observe todos estes padrões dinâmicos de formas, sentimentos, percepções, composições e consciências, cada um livre de um self intrínseco, e veja como a reificação dos seres sencientes, a nomeação e a identificação deles como sendo amigos ou inimigos, gera construções enganosas.

‘Todos os fenômenos surgem a partir de uma causa. Essa causa foi demonstrada pelos Tathagata’ (*n.t. os budas, os seres iluminados*). A maneira como vemos fim a essa causa nos foi ensinada pelos grandes praticantes da virtude. Este famoso verso nos lembra que todos os dharmas, ou seja, todos os fenômenos, surgem de diferentes causas. Este é o ensinamento central do Buda. Todas as experiências e aparências - tudo o que é possível, a qualquer momento e em qualquer lugar - emergem de causas e não têm existência inerente e separada. Esta é a

chave para todos os ensinamentos do Dharma: a simples afirmação de que tudo o que consideramos como sendo entidades são meros padrões de nuvens e arco-íris.

### **3. Visão Mahayana:**

Nossas próprias mães lutam contra nossas próprias mães

Durante o decorrer de nossas inúmeras vidas passadas, cada ser senciente foi nossa própria mãe e também a mãe de todos os outros seres sencientes. Por não termos consciência disso e acreditarmos na nossa falsa identificação dos seres sencientes como possuindo realmente as qualidades que atribuímos a eles, tendemos a ajudar aqueles que consideramos o "nosso" povo e prejudicamos aqueles que percebemos como os "outros". Em todas as guerras então, mães estão lutando contra mães, crianças estão tentando matar suas mães e mães estão tentando matar seus filhos. A bênção da equanimidade e do cuidado para com todos é descartada em favor da parcialidade, da celebração da própria vitória e do desprezo pelos vencidos. Nos cegamos para o fato de que todos os seres já foram nossa própria mãe, e estamos cegos no que tange a nossa própria parcialidade. Despertar para nossa dívida de gratidão pode nos permitir reconhecer o valor irreduzível que todos temos.

### **4. Visão tântrica geral:**

A ilusão luta contra a ilusão

Ao entrarmos na mandala da divindade, reconhecemos que todas as formas são simplesmente aparência e vacuidade, todas as palavras e definições são som e vacuidade, e todos os pensamentos e emoções são nada além de lucidez e vacuidade. Tudo o que acontece é ilusão - ou seja, nenhuma ocorrência é separada da vacuidade. Todos os surgimentos, todas as experiências são como arco-íris, como sonhos,

como uma miragem. Com esta clareza, a delusão se dissolve e a ilusão é revelada. Todas as ocorrências se encontram dentro desta mandala, e não importa que sua aparência seja pacífica ou irada, sua essência continua sendo o vazio não nascido.

## **5. Visão Dzogchen:**

### **Identidade equivocada luta contra identidade equivocada**

O solo, a base ou a fonte de todos os seres sencientes sempre foi puro. Esta base nunca foi tocada ou contaminada, nem mesmo por uma única partícula de um existente real. Ela é sozinha e ainda assim não está separada, pois sem esforço, instantaneamente, a exibição das formas ilusórias emerge como sua luminosidade. Esta é a inconcebível diversidade da não diferença. Quando isto não é reconhecido, identidades equivocadas são adotadas. Eu e o outro, amigo e inimigo, ocidental e asiático, alguém de pele negra ou pele branca, cristão e muçulmano - e assim por diante. Como na verdade não existe um eu separado, quando a ideia de 'eu' é adotada como o local equivocado da presença, ela precisa manter a delusão de uma existência separada, fundindo-se com diversos itens selecionados a partir do fluxo de efemeridades que vão surgindo e desaparecendo. Estas identidades elaboradas enganam tanto ao eu quanto ao outro. No entanto, infelizmente, muito infelizmente, essas identidades equivocadas são aceitas como uma defesa contra a verdade de que o "eu" é uma ilusão. O que é considerado como sendo o "eu" é um fluxo de momentos inatingíveis da radiância da lucidez intrínseca auto iluminadora.

Quando isto é realmente visto, todas as identidades falsas e errôneas se dissolvem, e não há base para conflitos. O caminho do meio entre todas as dualidades, polaridades, os diferentes binários e posições fixas é difícil de ser encontrado por meio do nosso esforço pessoal. No entanto, o dharma oferece muitas maneiras de encontrar esta linha mediana invisível do equilíbrio, que não oscila para nenhum dos lados.

Em nome da paz e para o bem e benefício de todos, que possamos jamais nos desviar da verdadeira sede de tudo!

Como disse Jigme Lingpa:

“Quando todos os pensamentos, virtuosos e não virtuosos, são auto liberados e livres de identificação com os sinais geradores de esperanças e medos, o acúmulo de virtudes continua fluindo a partir da originação dependente não enganosa das aparências.”

Isto aqui é dedicado, o em espaço imaculado e abrangente, para o benefício de todos os seres.